



NOTA ECONÔMICA



Confederação Nacional da Indústria

CNI. A FORÇA DO BRASIL INDÚSTRIA

A inserção das mulheres no mercado de trabalho

Atualmente, no Brasil, as mulheres possuem grau de instrução similar ao dos homens. O aumento no grau de instrução das mulheres aumenta o potencial de crescimento do Brasil, na medida em que a maior oferta de capital humano resulta em maior produção e em crescimento da produtividade. No entanto, o ganho efetivo para o país tem sido menor que o potencial, pois parte dessa nova força de trabalho se encontra fora do mercado.

Pesquisa da CNI, em parceria com o Ibope Inteligência, revela que 61% das mulheres brasileiras estão inseridas no mercado de trabalho, enquanto entre os homens esse percentual é de 84%. Essa diferença reduz a oferta de trabalho e o capital humano disponível no país e mostra que o Brasil não aproveita completamente os benefícios de ter igualado a educação entre os gêneros.

Parte da explicação para essa diferença se encontra na divisão do trabalho não remunerado do país, onde a maior parte dos afazeres domésticos e cuidados com crianças e idosos é de responsabilidade das mulheres. A pesquisa mostra também que parcela significativa das mulheres que tiveram mais de um emprego largou seu último trabalho para cuidar de filhos e parentes.

Outra razão para esse comportamento encontra-se no grande déficit de vagas para educação infantil: seriam necessárias oito milhões de vagas além das existentes para acomodar todas as crianças de zero a cinco anos. A escassez de vagas é maior para a faixa etária de zero a três anos, na qual 7,5 milhões de crianças não encontram vagas em creches.

Ampliar a inserção das mulheres no mercado de trabalho beneficia o país, posto que passaria a aproveitar parte de sua mão de obra que atualmente trabalha apenas em serviços não remunerados. Para tanto, é necessário mudar a cultura vigente com relação à divisão dos trabalhos domésticos, bem como ampliar e priorizar a criação de vagas para educação pública infantil, em horário integral, que permita às mulheres, principalmente as de baixa renda, conciliar a maternidade com o trabalho.

Principais motivos para ter deixado o último emprego

MULHERES



- 1º O salário era baixo (24%)
- 2º Para tomar conta de filhos e parentes (23%)
- 3º recebeu uma oferta de trabalho melhor (19%)
- 4º falta de tempo para ficar com a família (14%)

HOMENS



- 1º O salário era baixo (32%)
- 2º recebeu uma oferta de trabalho melhor (27%)
- 3º O contrato de trabalho era por tempo determinado (16%)
- 4º Os benefícios eram baixos/ruins (15%)

Fonte: CNI. [Retratos da Sociedade Brasileira. Nº 30. Rotatividade no mercado de trabalho](#). Março de 2016. Dados estratificados.

Há oportunidade de melhoria na inserção das mulheres no mercado de trabalho

Desde 2006, o *World Economic Forum* publica anualmente um estudo chamado *Global Gender GAP*, no qual mensura como cada país desenvolve e aproveita o potencial produtivo das mulheres que lá residem. Para tanto, avaliam a diferença entre os gêneros para quatro grupos de variáveis: inserção econômica, saúde, educação e participação política.

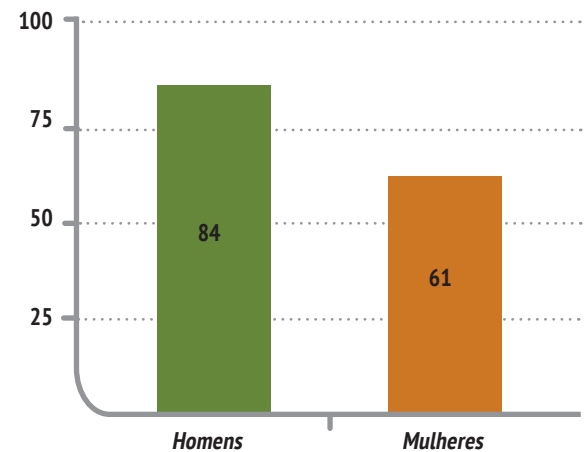
O último relatório, divulgado em 2015, revela que o Brasil não apresenta mais diferença significativa entre homens e mulheres para os grupos saúde e educação. Entretanto, há oportunidade de melhoria para as variáveis inserção econômica e participação política.

Por conta desse resultado, o relatório inclui o Brasil em uma lista de países que não colhem todos os frutos econômicos de ter igualado a educação entre mulheres e homens, destacando que, embora tenham sido realizados investimentos chave para a educação das mulheres, ainda há dificuldades para sua participação no mercado de trabalho. O resultado é que o país não se aproveita de todo o retorno potencial dos investimentos no desenvolvimento de seu capital humano, visto que parte das trabalhadoras capacitadas se encontram fora do mercado de trabalho¹.

A baixa inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho, revelada nos dados do *World Economic Forum*, é corroborada por pesquisas realizadas pelo Ibope Inteligência para a Confederação Nacional da Indústria², segundo a qual 84% dos homens trabalham, enquanto entre as mulheres esse percentual é de 61%³, desconsiderados os aposentados.

Gráfico 1 – Brasileiros que estão trabalhando, exceto aposentados

Percentual de respostas por gênero



Fonte: CNI. *Retratos da Sociedade Brasileira. Nº 30. Rotatividade no mercado de trabalho*. Março de 2016. Dados estratificados.

Segundo a publicação *Retratos da Sociedade Brasileira Nº 30*, há uma distribuição distinta da atuação de homens e mulheres no mercado:

- Enquanto 36% dos homens estão empregados formalmente no setor privado, esse percentual é menor entre as mulheres (29%).
- 15% das mulheres atuam em empregos públicos, enquanto entre os homens esse percentual é de 8%.
- Enquanto 20% das mulheres trabalham por conta própria em casa, esse percentual é de 15% entre os homens.
- O trabalho por conta própria fora de casa, por sua vez, é maior entre os homens: 27%, contra 17% das mulheres.
- Verifica-se também um percentual maior de mulheres atuando em serviço doméstico sem carteira assinada: 7% das mulheres, contra 0% dos homens.

* Agradecemos os comentários de Aretha Amorim Cury Corrêa, Desiree Gonçalo Timo e Pablo Rolim Carneiro, isentando-os de qualquer responsabilidade.

¹ "In the second broad group are countries that have made key investments in women's education but have generally not removed barriers to women's participation in the workforce and are thus not seeing returns on their investments in the development of one half of their human capital. This group includes Japan, United Arab Emirates, Chile and Brazil. These countries have an untapped but educated talent pool and would have much to gain through women's greater participation in the workforce." *Global Gender GAP, 2015. World Economic Forum.*

² *Retratos da Sociedade Brasileira. Nº 29. Flexibilidade no mercado de trabalho*. CNI. Março de 2016. e *Retratos da Sociedade Brasileira. Nº 30. Rotatividade no mercado de trabalho*. CNI. Março de 2016.

³ Segundo a pesquisa CNI, quando descontados os aposentados, 84% dos homens trabalham, contra 61% das mulheres. O relatório *Global Gender Gap*, do *World Economic Forum* apresenta percentuais similares: 85% entre os homens e 65% entre as mulheres.

Tabela 1 – Principal ocupação dos brasileiros que trabalham

Percentual de respostas por gênero das pessoas que afirmam trabalhar (%)

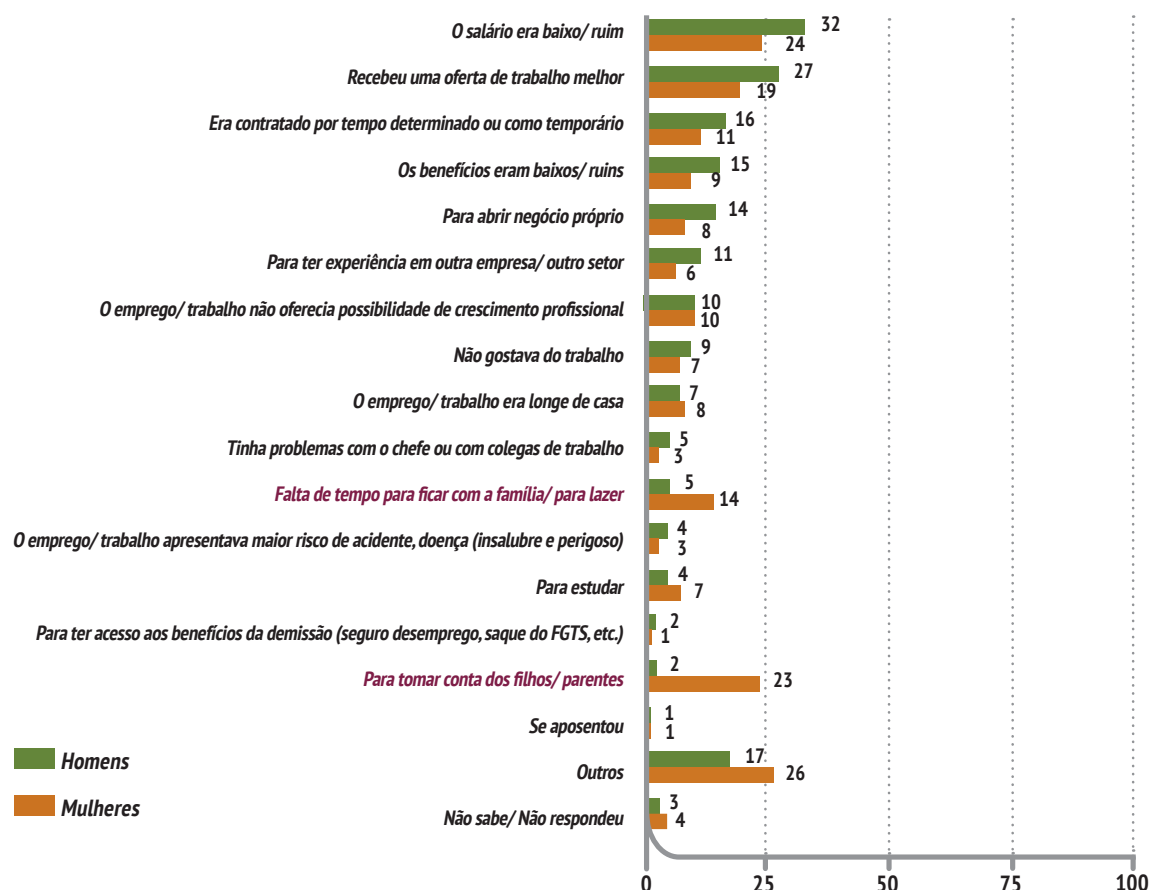
TIPO DE OCUPAÇÃO	HOMENS	MULHERES
Funcionário público	8	15
Empregado do setor privado	36	29
Profissional liberal/autônomo/micro ou pequeno empresário	5	4
Conta própria em casa sem carteira (confeção, produção de alimentos, manicure, etc.)	15	20
Conta própria fora de casa sem carteira (camelô, ambulante, biscate, bico, bóia fria, etc.)	27	17
Serviço doméstico sem carteira assinada	0	7
Nenhum/ Outro	9	6
Não sabe/ Não respondeu	1	1

Fonte: CNI. *Retratos da Sociedade Brasileira. Nº 30. Rotatividade no mercado de trabalho*. Março de 2016. Dados estratificados.

Exceto pelo funcionalismo público, as atividades em que as mulheres têm maior participação do que os homens estão mais relacionadas ao ambiente doméstico. Na verdade, é possível afirmar que as mulheres buscam, em maior proporção do que os homens, atividades que possam compatibilizar com os afazeres domésticos e com o cuidado com filhos e parentes. Nesse sentido, conforme a pesquisa, parte significativa das mulheres que já tiveram ao menos dois trabalhos, deixaram o último emprego para cuidar dos filhos ou parentes.

Gráfico 2 – Motivos para ter deixado o último trabalho

Percentual de respostas dos brasileiros que já possuíram pelo menos dois empregos, por gênero (%)



A soma dos percentuais difere de 100% porque os entrevistados podiam selecionar até três opções.

Fonte: CNI. *Retratos da Sociedade Brasileira. Nº 30. Rotatividade no mercado de trabalho*. Março de 2016. Dados estratificados.

Tanto homens quanto mulheres apontam que a percepção de baixos salários é o principal fator para deixarem um trabalho. Ainda foi bastante citado o recebimento de oferta melhor de trabalho. Contudo, para mulheres há maior relevância dos fatores “falta de tempo para ficar com os filhos”, citado por 14% das mulheres, e “tomar conta de filhos/parentes”, citado por 24% das mulheres, do que para os homens, pois 5% e 2% respectivamente mencionam tais respostas.

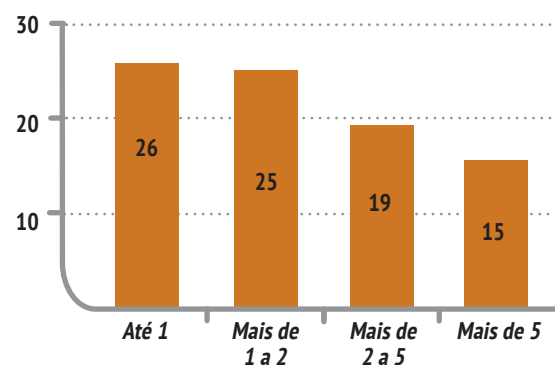
O fato é que os dois motivos mais citados pelas mulheres que pelos homens para deixar seus empregos são relacionados à falta de tempo para se dedicar ao cuidado com a família.

É necessário destacar que, quanto menor a renda familiar, maior o percentual de mulheres que citaram entre os três principais motivos de ter deixado seu último emprego a necessidade de cuidar de filhos e parentes. Isso é um indício que as mulheres que mais deixam o mercado de trabalho para cuidados com familiares são as mulheres de

baixa renda, que não possuem condição financeira de arcar com uma estrutura de cuidado doméstico e, portanto, assumem elas mesmas esse trabalho.

Gráfico 3 – Deixou o último emprego para tomar conta de filhos e parentes

Percentual de respostas de mulheres, por faixa de renda em salários mínimos (%)



Fonte: CNI. [Retratos da Sociedade Brasileira. Nº 30. Rotatividade no mercado de trabalho](#). Março de 2016. Dados estratificados.

O perfil das mulheres que não trabalham também é revelador: 59% das mulheres que não trabalham se classificam como donas de casa, enquanto a maior parte dos homens que não trabalham se classificam como desempregados (47%)⁴.

Esse dado implica que seis em cada dez mulheres em idade ativa que estão fora do mercado de trabalho se dedicam ao trabalho doméstico não remunerado e ao cuidado com filhos e parentes, enquanto 20% se classificam como desempregadas. Em contrapartida, entre os homens em idade ativa que estão fora do mercado de trabalho, predomina os que afirmam estar desempregados, de modo que é possível supor que eles devem retornar ao mercado quando surgir oportunidade.

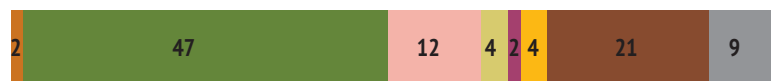
Gráfico 4 – Ocupação dos brasileiros que não trabalham – autoclassificação

Percentual de respostas dos brasileiros que não trabalham, por gênero, desconsiderados os aposentados (%)

MULHERES



HOMENS



- Dona de casa que não trabalha
- Desempregado(a)
- Estudante que não trabalha
- Trabalha como aprendiz/ ajudante em negócio da família
- Trabalha em instituição religiosa/ beneficente
- Trabalhou ou procurou trabalho na última semana
- Nenhuma/ Outra
- Não sabe/ Não respondeu

Fonte: CNI. [Retratos da Sociedade Brasileira. Nº 30. Rotatividade no mercado de trabalho](#), Março de 2016. Dados estratificados. A soma dos percentuais pode ser diferente de 100% por questões de arredondamento.

⁴ Desconsiderados aposentados.

Desse modo, para entender os fatores que influenciam a inserção das mulheres no mercado de trabalho é necessário entender também a divisão do trabalho doméstico entre os gêneros no Brasil.

Segundo dados do IBGE de 2014⁵, 88% das mulheres afirmam ser responsáveis por tarefas domésticas, percentual que entre os homens é de 50%.

A ocupação do tempo com tarefas domésticas também é maior entre as mulheres: enquanto elas gastam em média 24 horas por semana com tarefas domésticas, os homens gastam dez horas e meia.

Essas médias poderiam ser apenas um reflexo da diferente inserção no mercado de trabalho entre mulheres e homens, mas a ocupação de tempo com tarefas domésticas permanece superior entre as mulheres quando considerados apenas os indivíduos que trabalham: as mulheres que trabalham gastam 20 horas e meia por semana com tarefas domésticas, enquanto os homens que trabalham gastam 10 horas por semana com essas atividades.

Quando considerados apenas os indivíduos que não trabalham, a diferença é ainda maior. As mulheres que não trabalham gastam em média 27 horas por semana com afazeres domésticos, en-

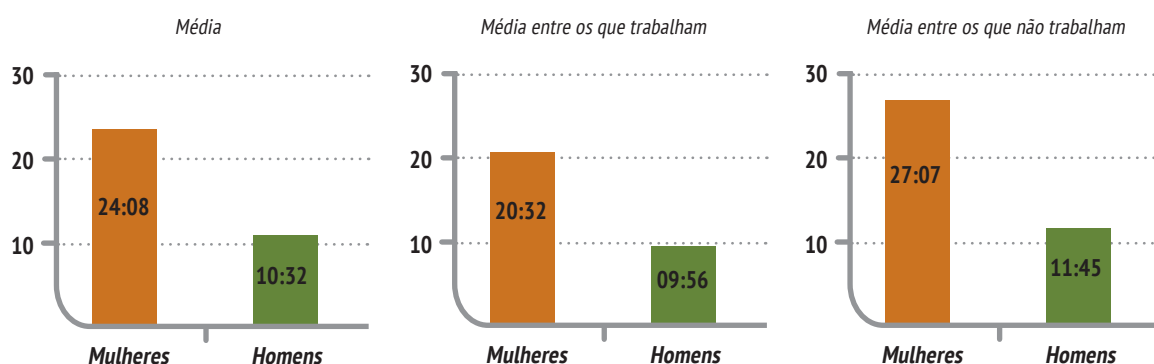
quanto entre os homens que não trabalham a média é de apenas 12 horas semanais.

O desbalanceamento na carga de trabalho não remunerado na semana é um dos fatores que explica porque o percentual maior de mulheres que deixa o mercado de trabalho e se dedica ao trabalho doméstico. Desse modo, equalizar a quantidade de tempo dedicada ao trabalho doméstico entre os gêneros é essencial para aumentar a inserção das mulheres no mercado de trabalho.

Outro dado que ajuda a explicar o maior peso da necessidade de cuidar de filhos e parentes em detrimento da permanência no trabalho é o grande déficit de vagas para educação infantil que existe hoje no Brasil.

Em 2014, havia no Brasil 10,5 milhões de crianças de zero a três anos de idade⁶. Nesse mesmo ano, havia no país apenas 2,9 milhões de matrículas em educação infantil – creche, etapa compatível com crianças de zero a três anos de idade. Como consequência, em 2014, verificava-se um déficit potencial de 7,6 milhões de vagas para creches, que receberiam crianças de zero a três anos de idade⁷.

Gráfico 5 – Quantidade média de horas gastas na semana com afazeres domésticos, por gênero



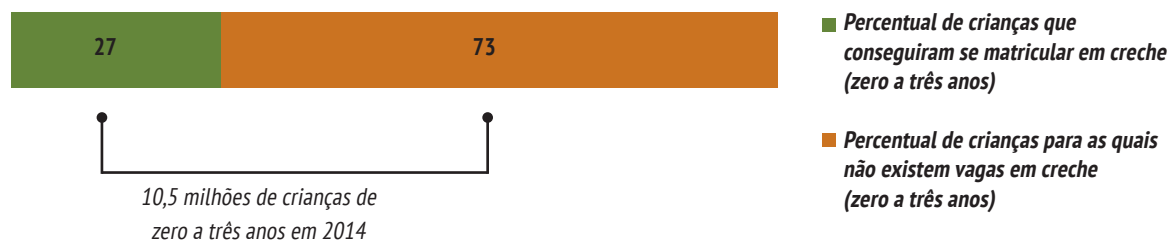
Fonte: Elaborado pela CNI com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2014, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁵ Cálculos realizados pela CNI, com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2014, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁶ População de crianças por idade calculada pela CNI, com dados da PNAD 2014 (IBGE).

⁷ Número de vagas por etapa educacional calculada pela CNI, com base em dados do Censo Escolar 2014 (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP).

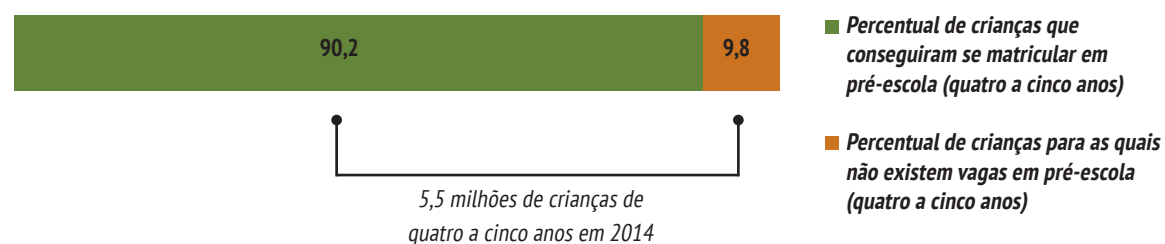
Gráfico 6 – Crianças de zero a três anos, por disponibilidade de vagas em creches



Fonte: Elaborado pela CNI com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2014, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Censo escolar 2014, Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Ainda em 2014, havia 5,5 milhões de crianças com idade entre quatro e cinco anos de idade e apenas 5,0 milhões de vagas para educação infantil – pré-escola, etapa compatível com crianças de quatro a cinco anos. Isso significa um déficit adicional de 0,5 milhão de vagas para educação infantil em 2014.

Gráfico 7 – Crianças de quatro a cinco anos, por disponibilidade de vagas em pré-escolas



Fonte: Elaborado pela CNI com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), de 2014, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Censo escolar 2014, Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

A soma desses dados evidencia um déficit total de 8,2 milhões de vagas em educação infantil no Brasil em 2014, somando a creche com a pré-escola.

Conclui-se, portanto, que tanto a divisão desbalanceada do trabalho doméstico como o grande déficit de vagas em educação infantil são fatores que distinguem a inserção das mulheres no mercado de trabalho frente aos homens.

Em resumo, o investimento que o Brasil realiza em educação não resulta na totalidade do ganho esperado em produção e produtividade, já que parte da população feminina qualificada deixa o mercado de trabalho para se dedicar ao trabalho doméstico não remunerado.

Desse modo, aumentar a participação das mulheres no mercado no mercado de trabalho é uma medida benéfica, pois geraria aumento da mão de obra disponível no país e melhor aproveitamento do capital humano, com maior retorno sobre o investimento que o país realiza em educação e qualificação profissional.

Para alcançar esse objetivo, é necessário equalizar a divisão dos trabalhos domésticos entre os gêneros e priorizar a criação de vagas para educação pública infantil, com preferência para o horário integral, de modo que as mulheres, em especial de baixa renda, possam conciliar a maternidade com o trabalho.